O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

(AVENÇADO)

ANO 37.º — N.º 1835

Sábado, 6 de Maio de 1944

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

3 de Maio

A não ser que se restituam às palavras tôdas as suas integrações perfeitas no mais amplo significado, depurando-as de acepções deturpadas por um uso efémero e circunstancial, a expressão «política de aproximação» não chega para definir o complexo de expontaneidade afectiva, os vínculos de entusiásmo e a reciprocidade fraterna, que caracterizam as multiformes e quási quotidianas demonstrações de intercâmbio Portugal-Brasil, as imensas e intensas afinidades das duas nações irmãs, que as gestões inspiradas de Chefes, por uma e outra encontrados em instantes cruciais, cultivam e desenvolvem.

Política é uma nobre palavra, correspondente a uma difícil arte ou ciência — a de governar povos. Só entendo a assim, poderá aplicar-se a esta mútua atitude dos países da mesma língua aproximados pelo Lago Atlântico, governados, cada um dêles, por imperativos tendentes a participar nas glórias e nos progressos do outro.

A hegemonia do Brasil, a sua ascensão ao nível das mais importantes e vastas civilizações de projecção mundial, sempre nos fôram causa de tão nobre comunhão orgulhosa, como é natural que o seja sempre tudo quanto ilumine a História, fundamentalmente una, das duas terras afins.

E' nêste prisma que deve refranger-se a luz irradiante da data de 3 de Maio. O século XVI, graças à descoberta das terras de Vera Cruz, nasceu com mais um sol a iluminar o globo. Deveu-o a Alvares Cabral, a Andrade Caminha, aos demais lusos companheiros — é verdade.

Mas quando êsse sol por si mesmo rutilou, independente e seguro, não ficou no sentir dos portugueses o mais leve travor pela emancipação, nem esta se traduziu em afastamento. Pelo contrário: o indómito valor nascente mereceu-nos o júbilo de vermos desferir vôo com asas próprias a águia real que pousava na cruz da primeira missa: o Brasil!

E nunca mais êsse vôo deixou de, em idas e retornos, levar brisas do Tejo a Guanabara, trazer perfumes das florestas e florés dos trópicos aos pinhais da nossa terra, que já forneceram madeiramento às primeiras embarcações de Aventura, Sonho e Fé.

Abraço que não se desata nem afrouxa, desde as capitanias e os primeiros colonos, mas antes se reforça e enleia com novas realizações e afirmativas do dia-a-dia dos dois países, — assim deve ser entendida a evocação apoteótica da data de 3 de Maio, honra de Portugal, primícia do Brazil, luzeiro do Mundo!

P. S.

Monumento a Lourenço Peixinho

para lhe perpetuar a memória na Avenida que tem o seu nome

SUBSCRIÇÃO

Transporte	13.200$00
Luís da Rocha Leonardo (Belem do Pará)	100$00
Soma	13.300$00

Esta importância era acompanhada duma carta, onde se lê:

Também envio 100$00 para o monumento ao meu querido e inesquecível amigo dr. Lourenço Peixinho, a quem Aveiro tanto ficou devendo.

Tudo quanto Aveiro fizer para perpectuar a memória de Lourenço Peixinho será pouco, tão vasta e importante é a sua obra, tão relevantes foram os serviços prestados à cidade e ao concelho. E' pequeno o meu contributo? Mas é do coração.

O TEMPO

Tem decorrido como em pleno Verão, continuando a falta de chuva a fazer-se notar.

Isto não vai nada bem.

Mesmo nadinha.

Estudantes espanhóis

Estiveram nesta cidade 32 alunos do Instituto Superior de Agronomia, de Madrid, que, de camionete, percorreram várias terras do país e os principais centros.

Visitaram o Museu, o Parque e foram também à Barra e Costa Nova, levando, segundo nos informaram, agradáveis impressões.

O vinho

— o —

Noticiou o *Diário de Lisboa*, no seu número do dia 2, que o vinho vendido a copo, passou de 3 para 4 escudos o litro. E pregunta: quem ordenou esta subida brusca no preço do vinho quando o ano foi um dos mais abundantes de que há memória e as adegas estão cheias do precioso sumo da uva?

Nós já fizemos notar que o vinho está a vender-se caríssimo sem razão para isso dado o motivo acima apontado.

Os bacalhoeiros

Saíram para Lisboa os lugres que se empregam na pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova e Groëlândia por conta das emprêsas de Aveiro e Ilhavo.

Antes de deixarem o Tejo, realizar-se-ão festas de despedida profanas e religiosas.

Que a Providência todos proteja igualmente.

Mocidade Portuguesa

Realizaram-se nesta cidade as festas promovidas pelo núcleo da Mocidade Portuguesa que inaugurou as suas novas instalações num prédio da Rua Gustavo Pinto Basto.

Todo o programa foi cumprido à risca, tendo vindo de Lisboa assistir o comissário nacional sr. dr. Marcelo Caetano.

No sarau do Teatro, que se achava repleto, falaram, além do conferente sr. capitão Marques Pereira, os srs. dr. José Gomes Bento, sub-delegado regional e dr. Marcelo Caetano que presidiu à sessão.

Houve, depois, recitativos pelos filiados e no *écran* passaram alguns filmes cedidos pelo S. P. N.

A falta de espaço não nos permite dar mais relêvo à festa, o que lamentamos.

O Teatro Aveirense

pelo dr. Alberto Souto

Dias depois da gorada assembleia geral, eu dirigi um ofício à Direcção mandando vender sempre o bilhete do lugar que me era reservado e que, eu, aliás, poucas vezes utilizava e que nunca utilizei a favor de nenhum estranho, e pedindo para mandar organizar a lista dos accionistas afectados com a nota de nulidade das suas acções, a-fim-de se afixarem editais com os seus nomes e se publicarem avisos na imprensa e no *Diário do Govêrno* para conhecimento dos herdeiros ou representantes e se proceder depois à assembleia geral. Publicar-se um aviso genérico, sem menção dos próprios nomes dos accionistas primitivos, dos prejudicados, ou dos já não vivos, não era sério. Sabem lá, por exemplo, os herdeiros ou representantes legais do escritor ilustre, poeta e filósofo dr. Lourenço de Almeida e Medeiros, que julgo ter falecido em Ovar aqui há 30 anos, e que disputou as primazias do *Firmamento* e do *Noivado do Sepulcro* a Soares de Passos, e que tanto escreveu, e por vezes tão altamente, na *Vitalidade* e em outros jornais desta cidade e da região, sabem lá os seus herdeiros ou representantes que êle foi subscritor do *Teatro Aveirense* e que nos registos dêste figura o seu nome com acções anuladas?

Sabem lá os herdeiros ou representantes, por exemplo, do conselheiro, jurisconsulto e político dr. José Dias Ferreira, que o célebre estadista das medidas de economia de salvação pública dos fins da monarquia, figura no livro de registo dos accionistas desta sociedade anónima de Aveiro com acções anuladas?

Sabem lá os administradores da Casa de Bragança, sabe lá o Estado, sabem lá os legítimos detentores actuais dos direitos da antiga Família Real, que o rei D. Luís I e a rainha D. Maria Pia e os infantes D. Fernando e D. Augusto foram accionistas do nosso teatro e ali figuram com acções anuladas?

Encontrei em Lisboa um condiscípulo e companheiro de infância e mocidade que me disse — «foram os teus artigos que me fizeram lembrar os direitos da minha família. Meu pai foi accionista fundador do teatro. Que as nossas acções sejam para a cidade, consinto, mas que se apossem delas e dos seus direitos os senhores das negociatas, isso não! Nunca as mãos te dôam!»

Para meter a sociedade do teatro no trilho decente e limpo que é mister a uma cidade de honradas tradições, é necessário não nos limitarmos a um aviso geral, tendencioso, ou inoperante. Esse aviso genérico, meramente formal, seria o mesmo que não avisar ninguém, pois de nada valeria chamar apenas *os senhores accionistas ou seus herdeiros*, sem se mencionarem os próprios nomes dos accionistas. Opônho-me e recuso-me a tal comédia. Façam isso pelos meios judiciários se quizerem e se os tribunais consentirem, mas eu é que o não faço.

A convocatória da nova reünião da assembleia geral tem de se basear na publicidade ou dos nomes de todos os accionistas ou dos nomes daquêles cujas acções foram consideradas nulas pelo jôgo de disposições estatutárias que uma sentença judicial julgou ilegais e irritas e nulas de direito e que, por todos os motivos, repugnam.

A intenção dessas disposições estatutárias não foi má, mas os resultados da sua aplicação foram condenáveis e inaceitáveis.

A cidade de Aveiro não precisa de lançar mão de processos dêstes para tornar cómodo e decente e fazer funcionar bem o seu velho teatro. Seria um desdouro e uma vergonha darmos como bons semelhantes expedientes e não haver ninguém que contra êles se levantasse.

Eu só tomei conhecimento desta questão latente e desta trapalhada das 1.020 acções anuladas, há cêrca de meio ano, por uma reclamação do Juiz de Direito, nosso conterrâneo sr. dr. Carlos Vilas-Boas do Vale. Essa reclamação impressionou-me. Podia lá ser, não se reconhecerem aos legítimos, conhecidos e dignos herdeiros do nosso ilustre patrício desembargador dr. Luís do Vale e de sua falecida esposa, os direitos que tinham a meia duzia de acções do teatro?

Vi o caso e estudei o problema e escrevi à Direcção, em resposta à sua consulta, no sentido amplo e nítido de se permitir o averbamento pedido pelo sr. dr. Carlos do Vale. E disse à direcção: — prevejo grandes dissabores com as questões do teatro, com a situação irregular da sociedade e com a solução necessária e urgente dos problemas da casa e da instituição.

Acho conveniente, disse eu nessa altura aos senhores directores, enfrentarem já as questões como estas e

Crónica alfacinha

A esperança

A esperança é a estrêla fagueira que ilumina a estrada da nossa vida. Sem ela como poderiamos viver?

Quando as contrariedades nos assaltam, os desgôstos nos amarfanham, as desilusões pretendem aniquilar-nos, alguma coisa faz erguer e caminhar, uma luz nos faz levantar a fronte e fitar o futuro. E' a esperança.

Podem os amigos abandonar-nos, a fortuna fugir-nos, o corpo perder a saúde, mas, se no fundo da nossa alma existe uma confiança de que tudo isso passará e àmanhã a adversidade dará lugar à alegria, sentimos coragem suficiente para afrontar tudo o que até nós venha.

A esperança é a mão firme que nos conduz a um destino feliz. A única amiga sincera que nos chama ao cumprimento dos nossos deveres, anima o espírito abatido e nos faz ter confiança em nós próprios. Ela torna-nos ágeis e trabalhadores.

Quantas lutas pela vida fora, o homem sustenta, só porque tem esperança de ser recompensado delas!...

Os pais sacrificam-se infinitamente pelos filhos, porque tem a esperança em que êsse sacrifício seja a felicidade dêles.

E' sublime a esperança da donzela, desabrochando plena de perfume e seiva.

E' encantadora a esperança do rapaz que afincadamente trabalha, para que a sociedade veja nêle um útil e o futuro lhe sorria.

Oh! a esperança é o consolo dos aflitos, o arrimo dos infelizes, o raio de sol das humildes choupanas e a alegria dos palácios.

Desgraçados dos que a perdem. Ignoram que é ela o tesoiro mais valioso que possuem e que perdendo-o não são mais do que cadáveres ao sabor das ondas, que é como quem diz, das vicissitudes cotidianas.

Para vivermos necessitamos ter esperanças, desejos.

Então porque nos mergulhamos em tristezas se o momento não é feliz?

Esperemos do futuro, êle virá colorido, alegre e cheio de venturas.

Alimentemos essa plantazinha, que nos é indispensável conservar sempre bem verde, e se um dia ela morre, porque tudo que nasce morre, às vezes pelo desejo satisfeito, criemos imediatamente outra. Só assim poderemos chegar ao fim da vida satisfeitos.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Circulação de auto-motoras

A título de experiência, a C. P. poz a circular no dia 3 uma auto-motora entre Coimbra e Campanhã, com paragem em Aveiro, efectuando-se êste serviço às segundas, quartas, sextas-feiras e domingos, isto é nos dias em que não há *rápidos* entre Lisboa e Pôrto e vice-versa.

Transportará só passageiros de 1.ª classe e jornais, deixando Coimbra às 12,05 para chegar a Campanhã às 14,36; e sai daqui às 16,55 para chegar àquela cidade às 19,13.

A passagem na nossa estação é às 13,15 para o norte e às 18,12 para o sul.

Cobertura dos poços

Ordenado pela Direcção Geral da Administração Política e Civil, que, para isso recebeu instruções do Ministério do Interior, vai ser obrigatória em todo o país a cobertura e resguardo dos poços a-fim-de se evitarem os constantes desastres que se dão e tantas vítimas já têm ocasionado.

Aplaudimos.

Dr. Bernardino Machado

Ninguém é eterno. Ninguém, portanto, pode viver indefinidamente. Por isso a Morte, que acaba de levar de sôbre a Terra o homem distinto, aprumado, física e moralmente, culto e prestável, como demonstrou no desempenho das altas funções que lhe foram confiadas, tinha de o tocar com a sua aza negra e levá-lo — para nunca mais ser visto.

Não pertence, pois, já, ao número dos vivos o sr. doutor Bernardino Luís Machado Guimarães, que tanto se evidenciara na catedra e na política e cuja longevidade lhe permitiu atingir 93 anos, só baqueando ao pêso dêles e depois de ter passado por várias vicissitudes nem sempre isentas de amarguras.

Duas vezes chefe do Estado no regimen republicano, do qual fôra activo propagandista, esteve no exílio, sendo vítima da política nefasta em que também andou envolvido e tanto mal fez ao país.

Muito interessantes êstes episódios da sua vida: convidado em certa sessão agitada da Câmara dos Pares, de que fôra membro antes da sua adesão à República, a retirar comentários que fizera a regeneradores e progressistas, dirigiu-se nêstes têrmos ao Presidente:

—Retire V. Ex.ª por mim o que julgar impróprio da Câmara; eu é que como político que deve a verdade à nação, não posso retirar o que disse.

Quando Pimenta de Castro encerrou o Parlamento em 1915 o comandante da G. N. R. recebeu ordem para não deixar ninguém aproximar-se do edifício de S. Bento. Bernardino Machado invocou os seus títulos de senador e voltando-se para o coronel que lhe embargava os passos, retorquiu:

—Se V. Ex.ª, como militar, não pode desrespeitar as ordens dos seus superiores, eu, como senador, não posso faltar ao mandato da nação.

E como disse isto cumprimentando e sorrindo, sempre passou o cordão da fôrça pública, sem resultado, porém, visto o Parlamento se achar encerrado.

O DR. BERNARDINO MACHADO NO LEITO DA MORTE

Depois, na revolução de 14 de Maio, um grupo armado de civis passou lhe à porta, soltando imprecações e ameaças. Sabendo que ia buscar o dr. José de Alpoim, que apoiara a ditadura, Bernardino Machado, temendo pela sorte dêsse antigo político, esqueceu agravos dêle recebidos, e propôs aos correligionários que aceitassem o seu comando. Quando chegaram a casa de Alpoim subiu e disse-lhe:

—Venho prendê-lo em nome do povo republicano.

—E para onde me levam? — preguntou, surpreendido, o velho estadista.

—Para minha casa — retorquiu Bernardino Machado.

Não opondo a mínima espécie de resistência, José Maria de Alpoim, acompanhou o seu captor metido entre os populares armados e uma vez em casa dêle, Bernardino Machado, que não escondia o seu contentamento por ter salvo a vida dum adversário, assomou a uma das janelas e falou:

—Cidadãos: o prêso fica entregue à minha guarda. Ide agora fazer a vossa apresentação ao Quartel General. Viva a República!

Contou, depois, o *prêso*, que os dias do cativeiro foram dos mais tranqüilos que gozou.

Era assim o aprumo do homem que, faz hoje oito dias, se finou no Pôrto e no domingo foi levado para o cemitério de Vila Nova de Famalicão onde o sr. dr. Domingos Pereira lhe fez o elogio, exaltando-lhe as virtudes. *O Democrata* fez-se representar no grandioso funeral, realizado civilmente, pelo seu editor e administrador, que tomou lugar no automóvel do considerado livreiro, sr. António Lelo, tio do nosso presado amigo José de Mesquita Lelo, cumprindo assim um dever cívico ao curvar-nos perante os seus restos mortais.

De vez enquando

Tinha de ser. Por isso arranjei a mala, dirigi-me, manhã cêdo, à estação do caminho de ferro do Vale do Vouga, tirei bilhete e, à hora da tabela do primeiro combóio, parti. Deixei Aveiro, a casa, a família, os amigos e — parti.

A locomotiva começou a deslizar lentamente e lentamente chegou ao ponto aonde pretendia — uma vila cheia de encantos naturais, com arrabaldes lindíssimos, horizontes largos, paìsagens admiráveis e gente muito amável, hospitaleira.

Instalei-me na pensão mais central, em frente à igreja matriz. O meu quarto, no segundo andar, era voltado para o nascente, para a montanha. De lá assistia ao romper do Sol e me quedava horas, à janela, na contemplação dos espectáculos da Natureza, sempre repetidos, mas sempre novos. Como o insigne moralista japonês, Kaibara Ekken, acertou ao traçar êstes períodos na sua obra — *O caminho da felicidade*:

«Que intensa alegria podemos sentir ante os fenómenos admiráveis do ceu e da terra! A luz do sol e da lua, as mudanças de estação, a inesgotável variedade de formas das nuvens, o perfil das cordelheiras, a corrente das águas dos rios, arroios, torrentes e cascatas, a suave brisa, a benéfica chuva, a pureza da neve, o sorriso das flôres, a fragância das plantas, a infinidade de frutos, aves, peixes e insectos, tudo enche a retina de beleza e, ainda que incompreensível e trágico, é admirável mistério que põe a mente em vibração.

Pôrmo-nos em harmonia, em comunicação com esta rica e esplêndida natureza é dar expansão aos nossos corações, purificar os nossos sentimentos, conceber altas ideias e libertar-nos de baixos e nobres desejos.»

Com efeito, o caminho da felicidade deve ser procurado na saúde do espírito, o que não quere dizer que não esteja também no coração duma mulher. Lá o diz Bayard Taylor, sustentando que todo o homem necessita de alguma coisa que poetize o seu temperamento, para concluir que só o amor duma mulher o poderá poetizar. Mas aônde descobrir êsse amor de mulher? — pregunto eu. Eis o busilis, a incógnita. Isso hoje é tão raro que ainda há pouco um companheiro de infância me confidenciou que já havia escrito no album de recordações íntimas, que possue, o último capítulo da sua vida amorosa.

Decerto por se ter convencido de que não lhe será fácil encontrar mais, como na época do romantismo, quem lhe poetize o temperamento...

JOÃO DO CAIS

A' MARGEM DA GUERRA

FORTALEZA VOADORA DO COMANDO COSTEIRO DA R. A. F. SOBREVOANDO O CENTRO DO ATLANTICO

OS DESVARIOS DA MOCIDADE

(História duma rapariga moderna)

pelo prof. Serras e Silva

Foram seis meses de convivência com aquêle homem (que a princípio lhe irritara os nervos e lhe pareceu ridículo) mas que insensivelmente lhe deram do Mundo e da vida um sentimento novo. O trabalho fez-se vagarosamente, inconscientemente, entre as duas almas — uma transviada e cheia de pecados, e outra elevada e pura, capaz de misericórdia e de abnegação.

Que disseram, de que falaram, que conselhos lhe deu o homem justo e prudente? A carta nada diz e nós só podemos fazer conjecturas.

Ele principiou a olhá-la com dó, com tristeza de a ver perdida ou a caminho de se perder e acabou por lhe ter amor, subjugado pelo encanto que irradiava daquela interessante criatura. Certamente que a nossa desconhecida deveria ser encantadora, insinuante, simples, viva, alegre, cheia dos atractivos que têm as naturezas bem dotadas para exercerem a fascinação à volta da sua pessoa. O tom de frescura, de juventude que têm as suas cartas revela a riqueza de alma e revela sobretudo a emoção de que a sua alma é capaz, em face das coisas belas e dos grandes sentimentos. Não é uma pessoa banal que estrebucha e se embaraça para descrever uma situação ou narrar uma cena dolorosa. Não é. Em poucas linhas e muito naturalmente diz tudo o que tem a dizer. Na última carta escreve: «Se soubesse escrever para os jornais contaria muitas coisas que a mocidade precisa saber».

Sabe escrever, embora se veja que leu pouco, como ela própria diz, visto que os arrebiques e os tropos lhe tomaram o tempo. Há faltas, pequenos pormenores que uma pessoa habituada às lidas da Imprensa lhe corrigiria fàcilmente.

O nosso homem tinha espírito, muito espírito, para descobrir, logo à primeira vista, a diferença entre a superfície e o fundo.

Durante os seis meses de convívio o interêsse foi recíproco e quando duas pessoas se interessam uma pela outra a estima, a amizade, estabelecem laços imperceptíveis, mas de grande solidez. Do lado dêle houve, com certeza, a fôrça da bondade, do bom senso, da arte que teve em fazer saborear a novidade que eram para ela as coisas espirituais; do lado da nossa desconhecida houve a atracção e a gentileza de tôda a sua pessoa. Mas ao fim de seis meses o homem caiu doente; doença febril e de certa gravidade. No princípio da doença quis vê-la e mandou-a chamar pelo telefone. Foi a mãe, já bastante idosa, que fez a chamada. A nossa desconhecida foi e muito embaraçada quis fazer a apresentação, mas a velhinha não a deixou continuar:

—Não é preciso; já a conheço, porque o meu filho tem-me falado muito de si.

Isto provava o interêsse que tinha inspirado. Entrou no quarto do doente e por algum tempo conversaram, decerto poucos minutos, porque o caso exigia a presença do médico. Nessa noite pouco dormiu e no dia seguinte entrou numa igreja, coisa que há muito não fazia, e não direi que rezou, porque já pouco saberia, mas pediu com fervor a cura do doente. Verificou-se que a afeição que tinha àquêle homem era totalmente diversa da afeição que tivera a todos os outros — a dêste levava-a à igreja; a dos outros afastava-a. Teria bem consciência do trabalho oculto que se estava fazendo na intimidade da sua alma? Parece-me que não e o seguimento das coisas vai mostrá-lo.

Todos os dias visitava o doente, que dava mostras de contentamento em a ver. «Tôdas as tardes lá ia e alegrava-me ver a sua satisfação com a minha presença».

Ao fim de seis semanas veio a convalescença.

Uma vez, ao voltar a casa, encontrou uma carta dêle, a primeira que lhe escrevia. Abriu-a e uma vertigem fez-lhe andar a cabeça à roda e caiu no chão quási sem sentidos.

Era uma proposta de casamento.

Acostumada a viver à superfície da vida, não avaliava nem o que se passava no interior da sua alma nem o que se dava na alma dos outros. Não esperava tal proposta. Amante da liberdade até ao excesso, nunca tinha pensado no casamento e agora, depois de doze anos de loucuras... via-se de repente em face dum problema grave, ela a quem tudo tinha sorrido e tinha facilitado o caminho.

Que fazer?

Aceitar? Seria a traição, porque, decerto, aquêle homem ignorava a vida que tinha levado, embora a julgasse leviana. Não podia ser. Só poderia dar assentimento se primeiro lhe confessasse tudo. Mas teria coragem para isso e, depois, êle não a repeliria como um farrapo imundo? Sujeitar-se a essa humilhação era superior às suas fôrças. Tudo isto são conjecturas porque a sua carta é mais sóbria e diz apenas: «Chorei e chorei muito; olhava para todo o meu passado e ao revê-lo tive nôjo de mim, achando-me indigna de tal sentimento...»

Em tôda a noite não dormiu e a mãe também se não deitou.

Duas almas em pena a sofrer a expiação de muitas loucuras.

—Indigna, sou indigna!

Aquela carta rasgara o véu e deixara ver o fundo de miséria a que tinha descido. Como podia compreender bem agora as palavras de Vítor Hugo:

Quanto mais profundo é o abismo, mais desejado al é o Sol.

Sentiu, pela primeira vez, que a sua mocidade bela tinha sido apenas a flôr do pântano.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 7 de Maio de 1944 (às 16 e às 21,30 h.)

O filme de grande actualidade

Destroyer

Terça-feira, 9 (às 21,30 horas)

Mulheres, Irmãs e Noivas

Ultimo filme de Leslie Howard

Quinta-feira, 11 (às 21,30 h.)

A graciosa comédia

Entrevista de amor

BREVEMENTE:

Rossini

Beneficência

A Junta de Freguesia da Vera-Cruz entregou à *Gota de Leite* o subsídio de 500$00, destinado a auxiliar a assistência.

resolverem-as num sentido liberal para que se não acoime a cidade e a sociedade de desrespeitarem, prejudicarem ou roubarem os que um dia concorreram para o grande melhoramento que foi, em tempos, a construção do Teatro Aveirense. Não fui ouvido nem seguido no meu parecer. Disseram-me que se opôs o sr. António Osório. E como o sr. António Osório se opôs, nada se fez; negou-se o averbamento ao sr. dr. Carlos do Vale e negou-se o averbamento ao sr. dr. Jaime Duarte Silva que queria, igualmente, averbar no seu nome as acções de seu pai!

Entretanto iam-se averbando muitas acções a pessoas que nunca foram nem tiveram intenção de serem accionistas do Teatro Aveirense.

Assim se foram metendo dentro da sociedade accionistas fictícios, pobre gente sem a menor ideia das coisas do teatro e da sociedade e sem nenhum interesse material ou moral na casa e na instituição.

Então é sério, digno e honesto fazerem se accionistas fictícios de pessoas que nunca foram nem quizeram ser, nem podiam ser accionistas, e que nunca o foram nem seriam nem por si nem pelos seus antepassados, para o efeito de se deitar mão à casa e com ela se ganhar dinheiro, e pôrem-se fora os legítimos herdeiros e representantes dos verdadeiros accionistas, dos accionistas originários, dos antigos, conscientes e dignos accionistas, dos legítimos donos daquelas 1.020 acções anuladas, daquêles accionistas sem o concurso dos quais, nunca teria havido o teatro?

Escorraçam-se os que fizeram a obra e com ela dotaram a cidade nos tempos difíceis, por si ou pelos seus pais e antecessores, e metem-se lá dentro os que nada fizeram e nada por si podem fazer?

Pode quem quizer achar isto legítimo e decente numa emprêsa pública desta ordem, dêste carácter e desta finalidade, mas eu, por mim e todos os mais dignos aveirenses que pensam como eu, é que não achamos bem.

Sejamos humanitários!

Subscrição aberta a favor de João Calisto, impossibilitado, por doença, de angariar o sustento para a sua família composta de mulher e oito filhos menores.

Transporte	2.087$30
Artur Seabra de Oliveira .	10$00
Soma . .	2.097$30

Pelo teatro

Tendo-se constituido na Murtosa um grupo cénico e recreativo que tem andado a ensaiar a revista fantasia em 2 actos e 19 quadros, intitulada *Torreira-Bar* é hoje e àmanhã levada à cêna no teatro da vila, sendo a sua estreia aguardada com certo interesse.

E' seu ensaiador António M. de Pinho, desta cidade.

Concurso pecuário

A falta de espaço inibiu-nos de noticiar o seu resultado, que foi o seguinte:

Raças *turina e holandesa*, vacas, 1.º prémio, dr. Pompeu Cardoso, a quem coube a taça do Grémio da Lavoura de Aveiro.

Novilhas—1.º António Fernandes Rangel, de Aveiro, 400$00.

Toiros—1.º João da Rocha Pata, da Gafanha, 600$00.

Novilhos—1.º Nuno Pinto Bastos, da Vista-Alegre, 250$00.

Raça marinhão — toiros—1.º António Lopes, da Murtosa, 400$00.

Novilhos—1.º (não foi concedido).

Vacas—1.º Manuel Liguarda, Verdemilho, 400$00.

Novilhas—1.º Manuel Mostardinha, da Oliveirinha, 300$00.

O júri, que arbitrou os prémios, era constituido pelos srs. dr. Jerónimo Vasconcelos de Paiva, dr. Joaquim Portugal, João Serras, Anuplio Alberto, Manuel Leitão, Manuel Garcia, Manuel Lavrador e Baptista Freire.

Falta de espaço

Por êste motivo deixamos de inserir esta semana, além de outros originais, a *Secção Feminina*, a cargo da nossa apreciada colaboradora da capital, sr.ª D. Maria da Conceição Nobre.

Que nos desculpem.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Secção Desportiva

Basket-Ball

S. C. Conimbricense, 46—Beira-Mar, 25

Como estava anunciado, jogaram, domingo, nesta cidade, os grupos do *Sport Club Conimbricense* e do *Sport Club Beira-Mar*, vencendo o primeiro por 46-25.

O grupo visitante, que segue à frente da classificação do campeonato nacional, fez exibição de agrado, mostrando ser pretendente sério ao título máximo.

O *Beira-Mar* deu bôa réplica, especialmente no primeiro tempo, em que conseguiu chegar ao intervalo com a desvantagem de um cêsto (20-18).

No começo da segunda parte houve a impressão que os locais aguentariam a marcha imposta na primeira fase do encontro, pois entraram a marcar e chegaram, mesmo, a ter vantagem. Mas os visitantes, impondo a sua melhor técnica e aproveitando, muito bem, o cansaço da joven *équipe* do bairro piscatório, instalaram-se no campo adversário e acabaram por vencer com justiça.

Foot-ball

F. C. do Pôrto—Académico

A F. P. F. designou o Estádio Mário Duarte, desta cidade, para a realização do encontro entre o *F. C. do Pôrto* e o *Académico* de Viseu, a contar para o campeonato nacional de júniores.

Tem, pois, o público aveirense ocasião de assistir, àmanhã, pelas 11 horas, a um encontro entre dois agrupamentos estranhos ao nosso distrito.

A.

Visitai o Parque da Cidade

NECROLOGIA

Vitimado por uma congestão pulmonar finou-se, na terça-feira, o sr. António de Castro, natural de Fafe, mas aqui residente desde os verdes anos.

Foi desportista no seu tempo, contava 68 anos de idade e deixa viuva a sr.ª D. Maria Júlia Bacelar de Castro com um filho.

O enterro realizou-se da igreja da Misericórdia para o cemitério central.

* * *

Faleceram mais: Joana de Pinho Mofa, viuva, de 90 anos; Ludovina de Jesus, viuva, de 98, e Jacinta de Oliveira, também viuva, de 90.

Bailes

—o—

Realizou-se na noite do último sábado, no Pavilhão Municipal, o que estava anunciado e cuja receita reverteu a favor das duas companhias de bombeiros.

Abrilhantaram-no os dois *jazzs* a que fizemos referência no último número — *Vista-Alegre* e *Papagaios* — que executaram os seus reportórios com o agrado da assistência, que era numerosa.

As nossas tricaninhas, graciosas e gentis, deram também o seu concurso à *soirée* de beneficência, contribuindo com a sua graça e a frescura da sua mocidade para a animação que reinou até à madrugada de domingo.

Muito bem.

* * *

Também hoje à noite deve regorgitar de pares dançantes o salão do *Club dos Galitos* onde se realiza idêntica diversão, promovida pelos dirigentes da Secção de Basket daquela colectividade.

Será abrilhantada por um *jazz*.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. José Martins Arroja, chefe da fiscalisação dos impostos da Câmara Municipal; àmanhã, o sr. tenente Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho; no dia 8, os srs. Abel Gonçalves e Manuel Moreira Vinagre, guarda-livros da Fundição Aveirense; *em 9, as meninas Ana Vitória Amador e Elsa da Cunha Reis e José Rezende Génio de Lima, filhos, respectivamente, dos srs. Amadeu Amador, da firma* Testa & Amadores, *Carlos Alberto Reis e tenente José Barata Freire de Lima, comandante da Secção da Guarda Fiscal de Mourão (Alentejo); em 10, a interessante Marília Morais, filha do comerciante sr. Alvaro Morais; o menino Guilherme Augusto Pinto Basto Taveira, filho do sr. José Martins Taveira e o sr. Albino de Jesus, 2.º sargento músico no Funchal (Ilha da Madeira) e em 12, a sr.ª D. Maria da Glória Pinto, esposa do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5.*

Casamentos

Em Lisboa e na igreja dos Arroios teve lugar na pretérita quinta-feira o enlace matrimonial do sr. Luís de Morais Sarmento Lima, filho da nossa conterrânea sr.ª D. Palmira de Morais Sarmento Lima e de seu falecido marido sr. João da Rosa Lima, com a sr.ª D. Maria Angelina Cordeiro Mourão, filha da sr.ª D. Elisa Cordeiro Mourão e do sr. João de Araújo Mourão, também já falecido.

O acto, que se revestiu de grande solenidade, foi paraninfado, por parte da noiva, por seus tios, sr.ª D. Maria Judith de Sá Mourão e pelo sr. Alfredo de Araújo Mourão, comerciante na capital, e pelo noivo por sua mãe e pelo sr. Inocêncio de Araújo, que naquela cidade também se dedica ao comércio.

Após a cerimónia, os conjuges, seguidos de numerosa comitiva, dirigiram-se para a sua nova residência, onde lhes foi servido um fino copo de água fornecido pela Pastelaria Ferrari *e durante o qual se ergueram brindes pelas felicidades dos recem-casados, que, no mesmo dia, partiram em viagem de núpcias para o norte.*

A corbeille da noiva achava-se guarnecida de muitas e valiosas prendas.

Ao novo lar, constituído sob os melhores auspícios, auguramos as maiores venturas.

Gente nova

Deu à luz, segunda-feira, mais uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Armanda Lourenço Cerqueira, esposa do sr. Eduardo Cerqueira, pagador das O. Públicas.

Felicitamos os pais da recem-nascida, desejando-lhe um futuro risonho.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. major João Tavares, da G. N. Republicana de Coimbra; capitão de fragata Mário Ferreira da Costa, residente na capital; Delfim Alves Ferreira, de Albergaria-a-Velha e Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor, *do Pôrto.*

Doentes

Embora lentamente têm-se acentuado as melhoras do distinto advogado sr. dr. Jaime Duarte Silva, que já esta semana se levantou da cama para uma cadeira.

Muito estimaremos vê-lo, de novo, entregue aos serviços forenses.

—Tendo adoecido inesperadamente, deu entrada numa Casa de Saúde de Coimbra, onde foi operado, o sr. Adolfo dos Santos Ritto, sócio da casa de vinhos espumantes e licorosos que gira sob a firma de Rittos, Irmãos, L.da.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

—No Hospital da Universidade, daquela cidade, agravaram-se os padecimentos do nosso conterrâneo Adriano Casimiro da Silva, filho mais velho do sr. Francisco Casimiro da Silva.

O seu estado é deveras melindroso, o que sentimos.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Carta de Lisboa

Caminho da Revolução

O aniversário da chegada de Salazar ao Poder, foi mais uma admirável oportunidade para todo o País afirmar a sua muita gratidão por Salazar e pela sua obra.

Na sessão realizada na Liga Nacional de 28 de Maio, todos os oradores puseram em relêvo a acção benemerente e patriótica do Chefe e afirmaram a sua disposição em seguí-lo incondicionalmente.

Assim, o representante da Mocidade Portuguêsa afirmou em certa altura do seu admirável discurso:

A Revolução Nacional abriu-nos novos rumos, novo sentido de vida; no dizer de um nosso poeta, criou-nos o orgulho de sermos bem nós.

A Mocidade quere, sincera e veemente que a Revolução continue com Salazar.

Ainda falta muito para que ela se cumpra. Nós somos, por direito de idade e de formação permanentemente insatisfeitos. Também queremos mais e queremos melhor.

Mas damos o justo valor ao trabalho realizado e continuamos a confiar.

Como em 41 podemos repetir o sentir do povo que uma voz jovem interpretou: posso afirmar em nome da Nação e dos portugueses perante o Chefe, perante o passado e perante o futuro; perante o Mundo e perante a História, perante os vivos e perante os mortos — todos nós unidos num só querer sabemos o que queremos e sabemos para onde vamos.

Palavras de fé a mais exaltada, a melhor e mais magnífica elas dão-nos a certeza de que, com a alma vibrante da Juventude nós podemos olhar com serenidade e confiança o futuro, podemos caminhar com decisão e certeza, seguros de que haja o que houver, a vitória será nossa.

CORDEIRO GOMES

"Os nossos filhos,,

O sumário do n.º 21 desta revista, dedicado a Coimbra, é como segue:

Pequeninos, pelo dr. Augusto de Castro Soares, Governador Civil do distrito de Coimbra; *História maravilhosa de Isabel, Rainha e Santa*, por Maria Lúcia; *Poesia* inédita, por Campos de Figueiredo; *A Geometria no país das formigas*, pela dr.ª Virgínia Gersão; *Teatro para crianças*, por Maria Evelina; *O Padre Américo e a sua obra da rua; O que os nossos filhos podem lêr*, crítica literária; *A fuga e a vagabundagem da infância e da adolescência*, pelo dr. Manuel Cersão; *Eugénio de Castro fala-nos da sua infância; Uma obra de amor. O Asilo da Infância Desvalida, de Coimbra* (reportagem); *A Obra de protecção à grávida e defesa da criança* (reportagem); *Regimes alimentares para bébés; Indícios de saúde na 1.ª infância*, pela dr.ª Branca Rumina; *Exercícios físicos mal orientados*, pelo dr. Armindo Fernandes; conselhos de puericultura e de pedagogia; páginas de bordados, rendas, malhas, figurinos para crianças e senhoras, moldes de vestidos para meninas, doçarias de Coimbra, ditos infantis, concursos, etc.

Correspondências

Esgueira, 3

Realizou-se aqui, recentemente, um torneiro de *tiro aos pratos* a que concorreram os melhores atiradores da terra, de Aveiro e de Cantanhede.

Houve duas provas tendo-se classificado, em primeiros lugares, Joaquim de Pinho e João Pascoal, de Cantanhede.

Os dois atiradores já se têm distinguido noutros torneios, sendo premiados.

—Visitou-nos, domingo, a *A. D. Ovarense* que jogou *basket* com o grupo da Casa do Povo, saindo êste vencedor por 32-15.

No próximo, jogará com o mesmo *team*, o *Club dos Galitos*, dessa cidade.

—Faz ámanhã anos, a sr.ª D. Maria Ramalho Alvim, esposa do nosso amigo Alvaro de Melo Alvim, aspirante de Finanças em Anadia.

—Com destino ao Brasil e Argentina saiu novamente, a bordo do *Colonial*, o nosso amigo Luís Ferreira. Boa viagem.

C.

Manuel Fernandes da Silva

Agradecimento

A família do saudoso extinto torna público o seu profundo reconhecimento às pessoas que o acompanharam à última morada e bem assim às que de qualquer outra forma lhes manifestaram o seu pesar.

A todos se confessa penhorada, pedindo desculpa de qualquer falta cometida devido, em parte, ao desconhecimento de algumas moradas.

Esgueira, 2 de Maio de 1944

Maria do Ceu da Silva

Agradecimento

Seu marido, Pedro dos Santos Moreira e família, vem por êste meio manifestar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se incorporaram no funeral da saudosa extinta e bem assim àquelas que se interessaram pela sua doença.

Aveiro, 3 de Maio de 1944

Agradecimento

A família do falecido João dos Santos Calisto, reconhecida às pessoas que durante a doença que o vitimou se interessaram pelo seu estado e às que, depois, o acompanharam ao cemitério, manifesta-lhes a sua gratidão.

Aveiro, 3 de Maio de 1944

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
6,54 (tram.)	11,15 (»)
12,05 (tram.)	15,41 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	19,34 (rápido)[1]
17,24 (tram.)	21,52 (recov.)
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Joias, pratas artísticas e relógios de confiança, só no

PINTO & ALMEIDA

Sucessores da *Ourivesaria Lopes*

Praça 14 de Julho — AVEIRO

(Junto ao consultório do sr. dr. Alberto Machado)

Dr. Cunha Vaz

MÉDICO ESPECIALIZADO EM DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS—Em Aveiro, todos os sábados, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 15,30 horas e em Coimbra, todos os dias na Rua Visconde da Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em lingua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ond	Estações	Ond.	Estações	Ond.	Estações	Ond.
12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9				
20,45 a 21,15	(meia hora de programa especial)							
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEA	25,3	WGEX	25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKIJ	30,77		

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19,45 às 20 horas na freqüência de 48,43 m. 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m

(Emissões diárias)

Visitai o Parque da Cidade

Se a mãe visse isto!

Hoje nada se pode deitar fóra, nem mesmo a energia que é consumida a mais pelas lampadas velhas.

É preciso fazer a sua substituição por lampadas **TUNGSRAM-KRYPTON**, *fazendo assim melhor uso da corrente.*

A TUNGSRAM-KRYPTON *é a economia personificada.*

FÁBRICAS ALELUIA

ALELUIA & ALELUIA

AZULEJOS BRANCOS E PINTADOS — LOUÇAS DECORATIVAS, SANITÁRIAS E DOMÉSTICAS

Fábrica Aleluia
Canal da Fonte Nova (TELEF. 22)
Fundada em 1905 por João Aleluia

Fábrica Gercar
Rua das Olarias (TELEFONE 87)
Fundada em 1924

— AVEIRO —

VINHOS FINOS E DE MESA

Recomendam-se pela sua qualidade absolutamente garantida

Depósito em Aveiro—Rua do Americano—Telef. 179

Testa & Amadores

Comissões, Consignações, Cereais, Ferragens e Mercearia
Vidraça
Depositários de petróleo e gasolina
SHELL
Rua Eça de Queirós
AVEIRO

Parteira diplomada

Alcinda Machado

PARTOS E TRATAMENTOS
—Rua da Manutenção Militar, 13—
COIMBRA—Telefone 3.130

DR. JOAQUIM HENRIQUES

MÉDICO

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras — *das 16 às 18 horas*

PRAÇA DO COMÉRCIO
(Aos Arcos)
AVEIRO

Companhia de Seguros

O TRABALHO

Não façam os seus seguros de Acidentes no Trabalho sem consultar os escritórios da Agência Distrital **O Trabalho**, Companhia de Seguros em todos os ramos, sita à Rua Mendes Leite, n.º 4, em Aveiro.

Vantajosas e interessantes modalidades nos **seguros de vida.**

Peçam uma consulta.

Visitem o seu Pôsto de Socorros e procurem saber a pontualidade como se tratam todos os sinistrados e a forma como recebem, todos os sábados, as importâncias a que têm direito, sendo esta a cópia do que se faz em Lisboa e Pôrto.

Estrumes

Vendem-se os do Regimento de Cavalaria n.º 5. Trata com o arrematante Abel Gonçalves, Passagem de Nível—Esgueira.

Os melhores espumantes naturais são os do *Barração*

CASA

Vende-se a que pertenceu ao falecido F. A. Meireles. Tem dois andares, quintal com árvores de fruto, poço e mais pertenças, na Rua 31 de Janeiro.

Tratar na mesma.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Assis Pacheco

Médico pela Universidade de Coimbra

GRAVIDEZ—PARTOS
CLINICA GERAL
Raios ultra violetas e infra-vermelhos

Consultório:
L. Miguel Bombarda, 45-1.º (Tel. 31.84)

Residência:
R. Guerra Junqueiro, 118 (Tel. 24.24)

COIMBRA

Pedro de Almeida Gonçalves

MEDICO
DOENÇAS DA BOCA E DENTES
Clinica geral

Consultas todos os dias úteis das 9 às 12 e das 15 às 18 h.

Praça do Comércio
(Em frente aos Arcos)
— AVEIRO —

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.